

PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE: OS POLONESES EM RIO CLARO DO SUL, MALLET (PR)

Alcimara Aparecida Foetsch
Mestre em Geografia pela UFPR
alcimaraf@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa parte de uma abordagem humanístico-cultural - a fenomenologia, com contribuições específicas da arquitetura e da sociologia para analisar as ações, as relações, os significados e decodificar as simbologias que transformam os "espaços" em "lugares". Apresenta-se uma discussão sobre paisagem, identidade cultural, "raça" e etnicidade tendo como pano de fundo a comunidade do distrito de Rio Claro do Sul, Mallet (PR), de onde inicialmente foram destacados elementos arquitetônicos intimamente relacionados com a identidade étnica dos que habitam o lugar, marcadamente os poloneses, para em seguida traçar considerações sobre as imagens como portadoras de simbolismo e como fonte de dados para o despertar do imaginário, partindo finalmente para uma proposta de caracterização do que vem a ser a identidade étnica polonesa no distrito. Percebeu-se inicialmente uma perda e alteração de elementos arquitetônicos na paisagem, além da inserção de novos, de onde se procurou demonstrar as relações entre a imagem ambiental (dado) e sua contribuição para o imaginário (processo).

Palavras Chave: Identidade cultural, paisagem, poloneses, Rio Claro do Sul.

LANDSCAPE, CULTURE AND IDENTITY: THE POLISH IN RIO CLARO DO SUL, MALLET (PR)

ABSTRACT

The present research comes from a humanistic-cultural approach – the phenomenology, with specific contributions of the architecture and sociology to analyze the actions, the relations, the meanings and decode the symbolism that change the "spaces" into "places". There is a discussion about the landscape, cultural identity, "race" and ethnicity with the community of the district of Rio Claro do Sul, Mallet as the setting, from where firstly architectonic elements intimately related with the ethnic identity from the ones who live there were pointed out, mainly the Polish, and then to trace the final considerations about the images as beares of symbolism and as data source to the arousing of the imagination, straight finally to a proposal of characterization of what is the Polish ethnic identity in the district. It could be firstly realized a loss and alteration of the architectonic elements in the landscape, as well as the insertion of new ones, from where it was demonstrated by the relations between the environmental image (data) and its contribution to the imagination (process).

Keywords: cultural identity, landscape, Polish, Rio Claro do Sul.

INTRODUÇÃO

Ao lançar um olhar sobre a constituição de uma sociedade e as características que esta imprime no lugar em que habita, percebe-se que o espaço, visto como algo abstrato passa gradativamente a tomar uma conotação de lugar. Isso se deve principalmente ao fato de que são nas relações banais do cotidiano que se constroem laços afetivos e vastas associações com os mais variados pontos do lugar vivido.

Recebido em 10/01/2007
Aprovado para publicação em 31/05/2007

Admitem-se inicialmente as controvérsias existentes na adoção e utilização dos conceitos de identidade cultural, “raça” e etnicidade, bem como o estabelecer de períodos modernos e pós-modernos; no entanto, sua utilização corriqueira sugere justamente uma rica e contemporânea discussão, sobretudo se há a possibilidade de situá-lo em uma porção do espaço transformada em lugar para uma comunidade que sugere as particularidades para tal abordagem.

Assim sendo, acreditando que cada grupo social, ou melhor, cada grupo étnico, busca manter incólume seu tradicional e cotidiano modo de vida, se torna interessante observar como determinados povos, no decorrer da história, após se depararem com a necessidade de uma mudança de nacionalidade passam a encarar um novo espaço e de que maneira tentam transformar esse novo espaço novamente em lugar. Enfocam-se nesta perspectiva, os imigrantes provindos da Polônia que se instalaram no distrito de Rio Claro do Sul, Mallet/PR.

Partindo da fenomenologia como aporte metodológico e do balizamento oferecido pela história, pela arquitetura e pela sociologia é que se pode, no âmbito da ciência geográfica, valorizar os estudos de ordem cultural sob a óptica do lugar.

A arquitetura contribui fornecendo os subsídios necessários para um entendimento da dinâmica espacial dos elementos materiais e móveis na paisagem cultural do ponto de vista da forma e da função. A sociologia permite o construir de um alicerce conceitual de cunho científico referente às sociedades, à nação, ao povo e à identidade. A história torna viável o estabelecer de uma cronologia espaço-temporal e o desvendar de acontecimentos fundamentais para o trabalho em questão. A geografia, por sua vez, através da vertente humanista e fenomenológica, abarca estas considerações e sugere uma aplicação prática nas relações construídas entre os moradores e sua “porção do espaço” transformada em lugar.

Nesta valorização dos estudos culturais, as marcas identitárias se apresentam como fontes promissoras para análises. Assim sendo, tendo como pano de fundo o núcleo central do distrito de Rio Claro do Sul, Mallet/PR, cujas características étnicas polonesas são relevantes, discute-se a paisagem como portadora de simbolismo e sua contribuição para o despertar do imaginário – evidenciado no trabalho empírico; a identidade cultural, tomada como identidade étnico-cultural, sua descaracterização ou retomada; e, as relações dos moradores para com seu espaço vivido.

Ressalta-se que as comunidades polonesas que se formaram no Brasil durante todo o período de imigração certamente trouxeram consigo um profundo sentimento de patriotismo, fortes laços de religiosidade e uma necessidade constante de preservar sua identidade. Destes núcleos, alguns assimilaram os modos de vida da nova nação e “despolonizaram-se”, sobretudo devido à dispersão populacional, o que contribuiu para a limitação dos laços comuns, para estas a Polônia passou a ser um país distante não só geograficamente.

Outras, vivendo mais no interior, no meio rural, como estavam acostumadas em seu próprio país, longe da correria urbana, em condições de certo isolamento, conseguiram manter as peculiaridades que as caracterizam como um grupo étnico distinto. Acredita-se que isto tenha acontecido com a colônia de poloneses em Rio Claro do Sul.

Nesta localidade os poloneses foram os primeiros a fixar residência, num sistema considerado rural em virtude da própria característica camponesa. Objetivando observar as relações com o espaço vivido, apreendido e incorporado, valorizando os aspectos culturais étnicos abordou-se inicialmente alguns elementos que compõem a paisagem cultural, partindo num segundo momento para o discutir as associações entre os moradores, estes elementos delimitados e o despertar do imaginário. Isto para que se tornasse finalmente possível, uma discussão acerca do que vem a ser a identidade étnica polonesa no distrito e se esta foi sendo descaracterizada ou retomada, enfim, discutindo sua inserção na dinâmica cultural.

PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE – REFLEXÕES TEÓRICAS

Talvez uma das maiores controvérsias na busca por definições de padrões sociais comuns está

na tentativa de estabelecer modelos culturais teóricos aplicáveis a todas as sociedades pluralistas existentes no mundo. As peculiaridades encontradas em cada uma destas sociedades as fazem únicas e sua herança cultural se apresenta moldada historicamente e diretamente ligada ao lugar geográfico no qual está inserida. Assim sendo, a relevância nesses estudos repousa nas análises das identidades locais, onde se percebe um gênero de identidade uniforme, onde se professam os mesmos princípios e se observam os mesmos valores culturais.

No sentido mais amplo, tem-se a nação, entendida como uma comunidade historicamente constituída por pessoas que falam a mesma língua, estão diretamente ligadas a um teto político que as envolve, delimitadas por limites territoriais, mas apresentam uma diversidade étnica, religiosa, ou seja, cultural (ANDERSON e PARKER, 1971). No entanto, nessa mesma nação comumente são encontrados pequenos núcleos, ou comunidades, que transformam a porção do espaço em que habitam em um "lugar" carregado de simbolismo e com um forte sentimento de nostalgia (TUAN, 1980, 1983).

Neste sentido, utilizando-se de um aporte fenomenológico (RELPH, 1979) depara-se com a possibilidade de encontrar um caminho para a compreensão de uma sociedade portadora de valores comuns, em uma análise do mundo vivido, com uma metodologia voltada para o estudo dos significados das experiências pretéritas e de como estas podem influenciar e modelar o presente, resultando numa abordagem das ações do homem tais como ele as entende e não através de teorias e modelos abstratos.

Nesta óptica, a paisagem surge como um conjunto indissociável e em perpétua evolução (BERTRAND, 1971), como fruto dos construtores sociais que a vem moldando, estabelecendo assim uma relação visual entre o grupo social étnico e o lugar em que este habita.

Essas interligações sugerem o fato de que na paisagem o sujeito e o objeto são inseparáveis, portanto, a paisagem deve ser considerada não somente em função de onde ela é observada, pois se chegaria a uma definição simplista de que "é tudo o que se vê" e incompleta e falha por se limitar ao espaço que "os olhos podem perceber". Nesta perspectiva, a paisagem deve emergir como resultado de uma dada cultura que a modelou, expressando-a em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos (LYNCH, 1997).

Para decodificar as simbologias que os grupos étnicos buscam expressar visualmente através da paisagem de um lugar é importante compreender as diferenças existentes entre identidade cultural, raça, etnicidade, povo e nação, para que estes não acabem por serem tomados como sinônimos. Após o entendimento destas conceituações se pode buscar compreender de que maneira a paisagem vista como algo construído culturalmente pode despertar o imaginário e aprofundar as relações dos moradores para com seu lugar.

A primeira condição é reconhecer a desestabilização gerada no estabelecer de períodos entre o início e/ou final da modernidade ou um possível adentramento num período pós-moderno e até as contradições existentes neste último. Assim, o termo contemporaneidade (termo enunciado por Stuart Hall e adotado por Escosteguy (2001, p. 148) adotado sugere a "atualidade" dispensando o estabelecer de períodos modernos e/ou pós-modernos.

Quanto à definição do que vem a ser a identidade cultural (HALL, 2005), acredita-se que algumas principais fontes de identidade incluem gênero, nacionalidade e etnicidade. Esta, entretanto, deve ser vista como um processo social, onde o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, definida histórica e não biologicamente, vista, portanto, como algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato existente na consciência no momento do nascimento, ressaltando que a sociedade na qual se está inserido desempenha um papel crucial na formação da identidade.

Quanto à nacionalidade, esta pode ser vista como uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade, onde os sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas e contribuem para o imaginário, e sendo

portanto muito mais do que uma porção de terras demarcadas por limites políticos.

A etnicidade por sua vez possui um significado puramente social refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas e que as distingue das outras como a língua, história ou linhagem, religião, estilos de roupas, adornos e hábitos, ao passo que “raça” é algo definitivo e biológico, tomado por alguns como conceito vital, mas altamente contestado, devendo ser utilizado entre aspas para refletir seu uso conflituoso, mas corriqueiro. Neste sentido, toma-se novamente os hábitos culturais como pontos centrais na definição de tais conceitos entendendo-os como fatores tão influentes no cotidiano dos indivíduos a ponto de orientar suas ações e despertar sentimentos (ANDERSON e PARKER, 1971).

A identidade cultural, portanto, passa a ser entendida na perspectiva da identidade “étnico-cultural”, pois, ao se retratar de identidade de uma cultura, deve-se localizá-la num determinado tempo e espaço e no interior de um grupo étnico. Considerando estas questões, tem-se que a construção da identidade depende dos fatores de ordem cultural que os atores cultivaram e que vêm sendo constantemente colocados à prova em todos os lugares.

Para um melhor detalhamento, essas identidades devem ser analisadas sob o ponto de vista do “lugar”, uma vez que este assume a forma de um ponto no espaço geográfico onde todas as significações culturais e individuais se concentram, ou seja, é recortado nas experiências cotidianas emocionalmente, ao contrário do espaço, que é amplo, desconhecido, temido e rejeitado (TUAN, 1983). Este lugar se faz representar e se dá a conhecer concretamente pelas suas imagens, que são seus signos e atuam como mediadoras do conhecimento, são as formadoras do imaginário.

Nesta abordagem, a imagem é um dado e o imaginário é um processo (FERRARA, 2000), ambos contribuem para a decodificação da paisagem e o traçar de considerações acerca da identidade cultural dos moradores de um lugar, isso porque ao se visualizar uma imagem o despertar do imaginário é o próximo passo, e este sendo um processo, é cumulativo e considera também as relações pessoais para com esta porção do espaço vivenciada cotidianamente e é ressaltado pelas histórias passadas, lembranças.

Assim, uma associação de imagens comuns a certo número de habitantes, pode ser analisada sob o ponto de vista das “imagens públicas” (LYNCH, 1997), ou seja, a imagem do local visualizada por todos, somada a todas as significâncias que esta pode portar, referentes aos antepassados e às formas de vida nas sociedades anteriores, quando da imigração.

Portanto, a imagem contribui para a geração de sentimentos de apego quando agradável, podendo, por outro lado, contribuir para o aflorar de sentimentos negativos quando se apresenta de uma maneira desagradável aos olhos humanos. Dessa maneira, a afeição para com o lugar se evidencia na apreciação da imagem e nas significâncias traçadas, uma vez que este lugar foi moldado em contextos sociais e temporais diferenciados e o simbolismo dos elementos remanescentes de um passado mais ou menos remoto, convivem e dividem espaço – em harmonia ou não – com elementos contemporâneos, são visualizados cotidianamente.

Ressalta-se que o passado é honrado e os símbolos (BORDIEU, 2003) valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações, onde a tradição é um modo de integrar a ação e a organização tempo-espacial da comunidade.

EM BUSCA DA APREENSÃO DO LUGAR: RIO CLARO DO SUL

Tendo considerado esta dimensão teórico-conceitual, delimitou-se o distrito de Rio Claro do Sul, no município de Mallet/PR para um estudo enfatizando a discussão entre paisagem e identidade cultural, tendo como pano de fundo os conceitos de raça, etnicidade, povo e nação. A escolha do lugar se justifica no fato de que até hoje a maior parte da população do local é composta por poloneses; além disso, o lugar apresenta uma paisagem peculiar, com características materiais polonesas ainda fortemente preservadas, embora famílias não-polonesas partilhem o mesmo espaço. Tudo isto possibilitou uma rica discussão sobre os aspectos de ordem identitária e étnica.

Sobre os poloneses, sabe-se que a realidade atual no Brasil é que uma grande parte destes vive espalhada e misturada com o restante da população. No entanto, principalmente nos estados do sul do país ainda existem localidades (núcleos) que procuram manter fortemente suas características culturais. As colônias polonesas sempre se destacaram pelo profundo patriotismo, pela solidariedade, pelo cristianismo e pelos profundos laços com seu país de origem, uma retórica patriótica.

No Brasil, em geral, as comunidades polonesas que se formaram tentaram permanecer fechadas a influências externas, em virtude da busca por manter as tradições; porém outras perderam seu caráter polônico assimilando outros modos de vida onde a dispersão populacional enfrentada por algumas dessas comunidades contribuiu para a limitação dos laços étnicos. Para estes, a Polônia é um país bem distante, não só geograficamente.

Dessa maneira, percebe-se que vivendo no interior, em condições de certo isolamento, é mais fácil conservar os costumes, preservar a língua, a consciência de sua origem, enfim sua identidade étnica. Acredita-se que foi isso que ocorreu com a colônia de poloneses em Rio Claro do Sul.

Sabe-se que não foram os poloneses os primeiros a chegar à localidade. Antes destes, existiam os caboclos, com os quais os imigrantes teriam que aprender a se relacionar. Os primeiros poloneses chegaram a Rio Claro do Sul por volta de 1884, provindos de Campo Largo da Piedade (PR) e Ponta Grossa (PR) seguindo antigos caminhos de tropeiros, fixaram residência próximo a um rio de águas claras e límpidas, que deu nome à localidade: Rio Claro do Sul, tornado distrito político administrativo em 1938, fazendo parte do município de Mallet no centro sul do estado do Paraná (SIEKLICKI e GRENTESKI, 2002).

O objetivo central deste trabalho foi levantar como o espaço vivenciado é percebido, apreendido e incorporado pelos moradores do lugar, com ênfase nos moradores de descendência polonesa, justamente por terem sido os primeiros a realmente colonizar o lugar e se dispor a fixar residência.

Isto valorizando os aspectos de ordem cultural, étnica e também a paisagem construída, pois ao se selecionar elementos da paisagem de uma dada porção do espaço se obtém um leque viável para avaliar o seu processo de ocupação e evolução viabilizando uma discussão acerca da dinâmica cultural e da descaracterização ou retomada de identidades locais.

No caso das aglomerações polônicas, o interessante é, sobretudo, analisar quais dentre as soluções locais foram trazidas, juntamente com a bagagem dos emigrantes do país materno, quais foram apanhadas pelo caminho (principalmente, no caso das migrações por etapa), quais, por fim, na nova terra.

Ao se interessar pela determinante histórica da identidade do grupo, Kula (2000) acredita que vale indagar sobre os portadores da memória coletiva que funcionam em sua esfera. O passado encontra ressonância, literalmente, em tudo, a começar pelos nossos nomes e costumes, terminando nos textos e construções antigas (p.17).

Kersten (2000) ressalta que os imigrantes poloneses, que se acomodaram nos arredores das cidades em área de cultivo, "profundamente religiosos e católicos, marcaram a região com sua cultura cristã, seu idioma, usos, costumes e dedicação ao trabalho. Introduziram a carroça puxada por cavalos e o cultivo de diversos cereais, as casas de troncos e as de tábuas" (p.74).

Foi assim que ocorreu também a acomodação dos poloneses em Rio Claro do Sul. Preferiram ficar ao lado de um rio de águas claras, erguer uma capela no lugar mais alto para assim professar sua fé, conservaram e ainda conservam sua língua materna, usos e costumes, introduziram e ainda utilizam muito a carroça e o cultivo de cereais, e ainda encontram-se as casas construídas de troncos e tábuas. Aprenderam a conviver com os caboclos, mantendo inicialmente certa distância, mas respeitando também seus modos de vida.

Sob o ponto de vista da identidade cultural, Anderson e Parker (1971) acreditam que o resultado

final da experiência dos grupos de nacionalidades distintas geralmente “é uma assimilação pela cultura nativa. [...] O abandono das características nacionais e a adoção de novas se processa quase sempre de forma gradual, muito embora as acomodações normalmente se façam com razoável rapidez” (p.602). Entretanto, essa assimilação envolve a mudança de valores, sentimentos e lealdades, traz reflexos mais profundos, uma vez que as modificações destas atitudes é vagarosa, processa-se gradativamente e pode ser retratada por marcantes diferenças de idioma e fortes preconceitos recíprocos.

O que ocorreu em Rio Claro do Sul, todavia, foi uma mútua incorporação de traços culturais. Entretanto, embora tenha havido incorporação de traços da cultura dos caboclos pelos poloneses; a cultura polonesa se impôs. Os caboclos passaram, de forma mais marcante, a incorporar em suas práticas diárias características polonesas.

Gradativamente passaram a freqüentar a Igreja, causando inicialmente certa revolta nos poloneses pela julgada “falta de respeito” dos caboclos que permitiam que o cachorro os acompanhasse até as celebrações religiosas; depois passaram a sepultar seus mortos no cemitério da localidade; a freqüentar as festas, a catequese, os bailes, o “Junak”, a se envolver na banda musical e cantar, dançar e se divertir com os poloneses; valendo-se também da carroça, dos grãos, e da rica gastronomia polonesa.

Para que um grupo étnico possa sobreviver mantendo suas características, algumas comunidades buscam retornar a um passado através de narrativas de suas histórias distantes e ao mesmo tempo presentes, como forma de transmitir sua identidade, principalmente, através dos fatos que estão presentes na memória. Nota-se que cada grupo social herda o passado e é configurado, entre outras coisas, pelas reminiscências históricas. Inúmeros grupos, incluindo, sobretudo os grupos étnicos, referem-se, de certa maneira, à história (ibid., p.16).

A PAISAGEM POLONESA EM RIO CLARO DO SUL

Referente a paisagem, e dada a dificuldade no encontro de fontes bibliográficas idôneas que auxiliassem na caracterização histórica da área de estudo, utilizou-se da obra de Mário Deina, intitulada “Colônia Rio Claro: Esta terra tem História”, publicada em 1990 pela BRASPOL para se delimitar alguns elementos da paisagem do passado e que foram extintos, bem como se dispor de informações sobre os elementos ainda existentes e também da história do lugar.

Da obra de Mário Deina (1990) foram retirados alguns elementos religiosos e sociais de origem polonesa, ao passo que os elementos mais recentes foram delimitados a partir do particular propósito da dissertação e considerando o seu aparecimento após a publicação da obra de Deina (1990); são eles: os bares e lanchonetes, o conjunto habitacional, o posto de gasolina, mercados e uma construção datada de 1928 que vem sendo ampliada pelo proprietário, descendente de poloneses, com o objetivo de manter, na medida do possível as características da arquitetura original.

A etnia polonesa simpatizante dos lambrequins, casas com varandas, tonalidades de cores vibrantes, busca também expor suas peculiaridades na paisagem de Rio Claro do Sul, onde além da arquitetura, o simbolismo das construções erigidas contribuem para tornar o espaço em “lugar” para esta comunidade.

Analisou-se num primeiro momento, utilizando-se da arquitetura para focar a paisagem, a forma e suas correlações com o contexto e a função, onde a forma física é a materialização no espaço da resposta a um contexto preciso, isto considerando que os cidadãos ao pertencerem a uma dada etnia buscam expressar suas características visualmente.

Evidenciou-se que os elementos da paisagem revelam as relações existentes entre forma e função (LAMAS, 2000), contribuindo para uma desmistificação do simbolismo que estes elementos portam, cujas alterações, incorporações e desaparecimento despertam nos moradores os mais variados sentimentos de nostalgia.

No sentido das relações entre forma e função com vistas na paisagem, destacou-se a Paróquia

Nossa Senhora do Rosário de Rio Claro do Sul como um elemento de considerável abrangência territorial e de extrema importância para os poloneses católicos do lugar e também a Igreja Nossa Senhora do Rosário como cópia da famosa "Czestochowa" do Santuário Nacional da Polônia Católica, um marco para toda comunidade.

A criação desta instituição religiosa proporcionou aos moradores a possibilidade de exercer sua religiosidade amplamente pelas missas, grupos de reflexões, novenas, catequese, entre outros ritos e rituais. A forma e a função, tanto da Igreja quanto da Paróquia, são condizentes e contribuem para a afirmação do catolicismo dos moradores, aspecto fundamental na formação da identidade étnica dos poloneses.

Ainda sob o ponto de vista religioso católico, destacou-se a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, inaugurada em 1940, atual Santuário Mariano Diocesano de Rio Claro do Sul, fundada por religiosos poloneses e grande orgulho da comunidade. Este lugar, visto como milagroso, pelos moradores conta com inúmeras histórias santas, é visto como um lugar santo, onde o imaginário religioso é alimentado.

Ressaltou-se também o "*Kolegium Sw. Klary*" (Colégio Santa Clara), que inicialmente funcionava onde atualmente é a residência do Sr. Sebastião do Rosário, e que na década de 1920 foi mudado para o lado da Igreja Nossa Senhora do Rosário. Muitos são os relatos sobre este colégio, nele se ministravam as aulas e organizavam cursos de bordado, costura, culinária, entre outros.

A construção da década de 1920 ainda faz parte da paisagem e é muito reverenciada pelos moradores, pois neste local funcionava uma biblioteca rica e valiosa, um hospital e um internato masculino e feminino; atualmente abriga encontros de catequese, da Terceira Idade, palestras e reuniões de cunho católico, não é habitado, mas apresenta uma estrutura razoável quanto a acomodações e instalações.

Pode-se notar que os elementos religiosos destacados na paisagem do local representam para a comunidade as vias necessárias para a construção de uma identificação com o lugar, onde a imagem do ambiente construído reforça a solidificação do imaginário onde a religiosidade é realmente considerada como uma das principais formas de se manter o vínculo com as tradições caracterizando a identidade.

Discutiu-se também o papel das escolas que atenderam às necessidades educacionais dos alunos; as bibliotecas que serviram de fonte de consulta para os interessados e que hoje inexistem no local; a "Casa do Povo" que representa uma instituição de entretenimento e que atualmente ainda procura divulgar as características polonesas; as indústrias que apesar de não serem públicas como os outros elementos, atendem e empregam uma parcela significativa dos moradores desempenhando seu papel econômico; e o hospital que, no pouco tempo que existiu, tratou das enfermidades que ocorreram, e que hoje faz muita falta na localidade.

Dessa maneira, procurou-se demonstrar a realidade das alterações que a paisagem cultural do local sofreu e vem sofrendo, destacando as construções de origem polonesa que fizeram e fazem parte da paisagem, por acreditar que estas contribuem para o despertar do imaginário dos que ali residem, sendo este imaginário intimamente ligado com a caracterização da sua própria identidade étnica polonesa.

Abordaram-se somente alguns dos elementos que compõe a paisagem do distrito, isso porque os que foram destacados são os que mais possuem relevância para o trabalho respondendo o objetivo central. Após a abordagem espacial destes elementos, partiu-se para uma reflexão sobre as relações dos moradores para com estes elementos físicos da paisagem, bem como uma discussão acerca da maneira com que estes elementos influem na formação de uma identidade étnica polonesa no distrito.

Frente a todas estas considerações, pode-se concluir que a identidade étnica polonesa não se manifesta apenas na paisagem, embora tenha sido este o recorte estabelecido nesta pesquisa, e sim que em Rio Claro do Sul a identidade polonesa se caracteriza por três elementos

fundamentais: a paisagem, a religião e a língua.

A VALORIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS ORAIS DE RIO CLARO DO SUL

A fim de se analisar a atual paisagem e formação identitária em Rio Claro do Sul, fez-se necessário se reportar às características que os poloneses trouxeram de seu lugar de origem, as quais buscam preservar na localidade onde residem. A cultura, como modo característico de vida de um povo numa sociedade, é construída por intervenção e descoberta, acumulação, seleção e difusão. Para analisar uma porção do espaço, a amostragem surge como solução na impossibilidade de se estudar todas as pessoas diretamente. Sendo assim, foram realizadas entrevistas qualitativas com 25 moradores da localidade de Rio Claro do Sul, todos com residência de no mínimo de dez anos, com idade superior a 55 anos e que possuem o pai ou a mãe com sobrenome polonês.

As entrevistas foram realizadas num período de dois meses (27/02 a 28/04/2006) nos domicílios, no posto de saúde, no grupo da terceira idade e em encontros de visitas ocasionais. Contou-se com o auxílio de fotos antigas e atuais (já destacadas no capítulo anterior), utensílios antigos, com o objetivo de envolver e despertar o imaginário, contrapondo visivelmente, o antes e o depois da paisagem, o que se utilizava e o que foi sendo abandonado.

Deparou-se com ricos depoimentos orais, os quais também foram destacados, isso porque, de acordo com Corrêa (1978) é importante “obter memórias de pessoas vivas que sirvam de documento para o futuro; documentos que, em forma de memórias, se não forem extraídos rapidamente, se perderão definitivamente” (p.15). Acredita-se que a valorização da memória e do imaginário deve ser constante, para que tais “documentos” não acabem por se perderem.

Os objetivos das entrevistas realizadas em Rio Claro do Sul, constituíram em buscar compreender de que maneira as dinâmicas dos elementos da paisagem cultural interferem nas relações dos moradores do local, bem como, valorizar as histórias de vida dos moradores.

Para tanto, os elementos da paisagem cultural, já definidos anteriormente no trabalho de campo, foram salientados, com vistas a obter os dados satisfatórios para a pesquisa, porém de uma forma a não direcionar as respostas, deixando os entrevistados livres para contribuir de acordo com o que realmente percebem.

A coleta de informações se deu num primeiro contato informalmente, justamente para que o universo de entrevistados pudesse ser escolhido de uma maneira satisfatória e condizente, e as entrevistas e coletas de depoimentos ocorreram através de conversas particulares, com o auxílio de fotos antigas e atuais, com o objetivo de despertar o interesse na conversa e também direcionar os temas.

Portanto, a escolha das pessoas que contribuiriam com relatos foi dirigida, partindo do particular propósito da dissertação, que visa o estabelecer de relações entre a identidade étnica polonesa, a paisagem construída e o imaginário.

Percebeu-se que os imigrantes viviam na Europa em condições semi-feudais de vida, cultivavam a terra e criavam animais em um sistema rural, não estavam acostumados ao comércio e a opressão sofrida fez com que temessem o urbano e buscassem continuar a viver como camponeses, fato este que contribuiu para que o polaco seja logo associado com o rural.

Na vinda para o Brasil, época em que o país ainda vivia o período da escravidão africana, muitos sobrenomes foram alterados, a integração com a sociedade de adoção não foi das mais sutis uma vez que os poloneses com seu conservadorismo tinham certa aversão ao contato com os caboclos que encontraram e ainda encontraram obstáculos do meio físico, como as diferenças climáticas e a densa vegetação.

Ao se ouvir as histórias de vida dos moradores, coletar depoimentos e entrevistar pessoas, sobretudo os mais idosos, foi possível reconstruir parte da história da localidade (metodologia: GIDDENS, 2005). No processo de integração com o novo lugar, os modos de vida trazidos da Polônia foram preservados. Na agricultura, instrumentos como o arado, a grade, a gadanha, o

picador de palha, o mongoyal, o *radnik*, a alfange, e, sobretudo a carroça polonesa inda são largamente utilizados.

Destacam-se alguns depoimentos colhidos, inicialmente referente à “Sociedade Casa do Povo”, que foi criada com o objetivo de proporcionar lazer e diversão e é bastante destacada, no entanto, estes ressaltam o estado físico da construção, que se encontra um tanto quanto abandonada, mas que mesmo assim é utilizada com freqüência para atividades comunitárias. São os elementos que, presentes na paisagem, representam um envolvimento com os moradores gerando sentimentos.

Um ponto relevante nessa construção é a arquitetura rica em detalhes e projetada para fins teatrais e de apresentações artísticas, fato este que desperta nos moradores, sobretudo os poloneses (ou descendentes) que a fundaram, um sentimento de afeição e carinho para com este elemento pelo simbolismo subjetivo que porta. Nas respostas quando indagados sobre o elemento sócio-cultural que mais impressiona na paisagem do distrito esta aparece com freqüência:

“A Casa do Povo que está abandonada, pois foi construída pelos nossos pais e avós e deveria ser conservada” (KOVALSKI, 2006)

Outro grande destaque é o Colégio Santa Clara, ou Colégio das Irmãs, como também é conhecido pelos moradores. De apreciável e destacável arquitetura, o Colégio chama a atenção dos que passam por perto. Mas para os poloneses, o Colégio traz também lembranças. Era o lugar onde muitos destes estudaram, aprenderam a bordar, a fazer crochê, a cozinhar, alguns até moraram por muito tempo, entre tantas outras coisas, como se pode perceber no seguinte depoimento:

“Parei por algum tempo no Colégio com as irmãs, lá estudei parte do primário. Nós ajudávamos na limpeza, cozinávamos, aprendíamos a bordar, fazer crochê, e íamos também na missa. Sinto muitas saudades das irmãs que foram embora, sempre que passo na frente do Colégio me lembro delas” (KOZLOWSKI DOS SANTOS, 2006).

Elemento bastante destacado é a Igreja Nossa Senhora do Rosário. A comunidade atribui à forma física visível da Igreja a função de ponto de encontro onde a fé é processada, havendo, portanto, uma relação direta e coerente entre forma e função. A forma da Igreja, majestosa e localizada no ponto mais alto do povoado, possui uma estrutura capaz de satisfazer as necessidades dos que a procuram para manifestar sua religião.

Os moradores, por sua vez, criaram com esta forma um laço de afetividade baseado no apego construído com o passar do tempo, nos batizados, casamentos, cultos religiosos em geral, sendo, portanto, um elemento peculiar e extremamente simbólico para a comunidade. Mesmo com as variações sofridas pela forma física da Igreja, esta sempre se manteve ligada à função religiosa, como se pode perceber quanto discutido sobre o elemento religioso que mais chama a atenção em Rio Claro do Sul:

“Igreja. Por ser o local de encontro dos habitantes daqui. Também por trazer muitas lembranças: batismo, casamento, batismo dos filhos e netos” (KOSLOWSKI, 2006).

Nota-se também uma grande referência ao cerimonial religioso da missa, a forma como o coral – composto por pessoas da comunidade, maior parte poloneses – anima e atrai as pessoas para a celebração (também com cantos poloneses):

“O que mais me atrai durante a missa é o coral, principalmente quando cantam cantos em polonês” (WRONSKI, 2006),

Um grande destaque é dado as romarias que freqüentemente ocorrem no Santuário Mariano Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes:

“Gosto muito de ir nas romarias, rezar e agradecer a Nossa Senhora da Imaculada Conceição” (TYSKI, 2006).

A elevação da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes à categoria de Santuário Mariano Diocesano de Rio Claro do Sul, afirmou ainda mais o simbolismo deste elemento religioso para os moradores da comunidade. Durante a pesquisa de campo, no íntimo contato com os poloneses mais idosos, pôde-se notar que este elemento também é de extrema importância espiritual:

“Gosto muito de ir na Gruta, tomar água e rezar, me sinto muito bem naquele lugar, a floresta verde e os passarinhos cantando, é muito bom” (WITASKI, 2006).

Nota-se assim, o quanto um elemento físico pode através da sua edificação material e do simbolismo particular que porta, despertar os mais variados sentimentos nas pessoas. Cullen (1974) acredita que “... la visión resulta no solamente útil, sino que, ademais, tiene la virtud de evocar nuestros recuerdos y experiencias, todas aquellas emociones intimas que tienen el poder de conturbar la mente enquanto se manifiestan” (p.9). Essa “perturbação da mente” como trata Cullen, pelo menos no que diz respeito aos elementos materiais da paisagem cultural de Rio Claro do Sul é uma referência ao simbolismo e ao imaginário dos poloneses.

Os bares, lanchonetes e mercados também foram mencionados, no entanto, apenas como construções para satisfazer as necessidades materiais e alimentares das pessoas. O posto de gasolina foi apresentado como elemento necessário, mas que tomou o lugar de uma construção residencial, que também exerceu a função de Cartório, da qual se destaca a qualidade da pintura e dos lambrequins, bem como as camélias e características polonesas:

“Eu gostava mais do antigo Cartório, era rosa e bonito, tinha flores e madeira recortada no beiral, era bem agradável. Agora é estranho passar pela rua e ver o posto de gasolina” (KASPRZAK, 2006).

Interessante é notar como essas características da modernidade vêm sendo aceitas e incorporadas pelos moradores. Na entrevista realizada, um elemento físico e material que se destaca é a ampliação da construção que servia de moradia e venda, datada de 1928, pertencente ao Sr. Ervino Kovalski, polonês de origem, o qual atualmente está buscando, através de uma nova construção, anexa a antiga, a preservação das características arquitetônicas originais, logicamente dispondo de materiais de construção bem mais sofisticados. A relevância repousa no fato da busca pela preservação de sua identidade étnica através da arquitetura.

Tal iniciativa vem sendo muito bem aceita pelos descendentes de poloneses da localidade, como se pode perceber na resposta à indagação sobre qual o elemento arquitetônico contemporâneo de Rio Claro do Sul que mais lhe chama a atenção:

“A construção da agropecuária do Sr. Ervino Kovalski, por ele conservar o estilo dos imigrantes, [...] que está na memória do povo de Rio Claro” (TYSKI, 2006).

Novamente se percebe a íntima relação da paisagem com o imaginário das pessoas e com as memórias do passado que geram um sentimento topofílico. Os lambrequins, tão presentes na paisagem do distrito também foram ressaltados. Kersten (2000) clarifica que os lambrequins, ou “pingadeiras de polaco” como também são conhecidos, são “elementos recortados em madeira que dão um acabamento rendado aos beirais, são encontrados em habitações de diferentes grupos étnicos, mas constantemente nas casas polonesas” (p.74).

Encontram-se ainda os lampiões “morcegos”, os “carijos”, os “barbaquás”, celeiros, chiqueiros, estrebarias, cercados artesanalmente recortados, bancos e mesas de troncos de árvores, entre outros. Todos estes elementos contribuem para fazer de Rio Claro do Sul, um lugar onde se preserva a identidade polonesa na paisagem e também no imaginário dos moradores.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário, o cerimonial religioso, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes (Santuário Mariano Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes), a “Sociedade Casa do Povo”, as casas com lambrequins, a ampliação das construções, são os elementos que mais se destacam na paisagem de Rio Claro, sob o ponto de vista dos moradores poloneses. Tais elementos contribuem para uma relação de afeição com o lugar, não visto como um pedaço da Polônia no Brasil, mas evidenciado como uma “porção do espaço” no qual foram preservadas

características de grande significado emocional, uma identidade única diretamente ligada à etnia polonesa.

Quanto à religiosidade, a igreja era um centro espiritual onde o camponês satisfazia sua necessidade de comunicação com o próximo e com uma entidade superior, professando o catolicismo. No Brasil e em Rio Claro do Sul, essa necessidade acentuava-se ainda mais, devido ao isolamento em que passavam a viver. Logo na chegada à localidade de Rio Claro do Sul, os polacos escolheram o lugar mais alto do povoado para construir uma capela que ficou conhecida como “*Czestochowa Paranska*” e tinha uma torre de cinquenta metros de altura e era uma cópia da famosa “*Czestochowa*” do Santuário Nacional da Polônia Católica.

A religião sempre foi muito importante para os moradores de Rio Claro do Sul. Durante muito tempo, as Irmãs Vicentinas habitavam o Colégio ao lado da Igreja e davam aulas de bordado, tricô, culinária, criando assim, profundos laços com todos os moradores, uma vez grande parte das crianças e alguns jovens freqüentavam as aulas. Na Igreja, encontram-se imagens e quadros de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio e claro, da Virgem Negra – Nossa Senhora de Monte Claro – muito reverenciada na Polônia, sobretudo no mosteiro de Jasna Góra.

Muitas das tradições da Polônia se fazem presentes em Rio Claro nas principais datas do calendário, como a *Rezurekcja* (Páscoa dos Cristãos), *Królowei Polski* (N. Sr^a Rainha da Polônia), *N. Poczecie N. M. Panny* (Imaculada Conceição), entre tantos outros. Nestas datas, na Igreja, são rezadas missas, onde o coral – composto por pessoas e crianças da comunidade – anima a celebração com cantos também em polonês.

Concluiu-se que a religião é fundamental na formação da identidade cultural do polonês, pois se trata de um fenômeno cultural, um elemento estruturador da sociedade, o qual com o passar do tempo se manteve e vem sendo constantemente exaltado. Fato interessante foi perceber que os moradores que não são de origem polonesa participam das celebrações e fazem as mesmas reverências ao catolicismo que os polacos. Dessa forma, nota-se que a identidade polonesa católica não desapareceu, muito pelo contrário, se manteve viva ao ponto de fazer com que outros povos dela participassem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que, em um ambiente estranho, cada grupo procura manter incólume seu idioma, suas instituições e outros elementos de sua forma tradicional de vida. Nesta perspectiva, a língua materna passa a ser vista como outro elemento estruturador do indivíduo, e com os poloneses não foi diferente. Ao andar pelas ruas, ou entrar nos bares é muito comum encontrar pessoas conversando em polonês, incluindo crianças e jovens.

Inicialmente, os polacos tinham certo receio em adotar a língua portuguesa, achavam que ficariam mais susceptíveis e vulneráveis caso viessem a falar o português, fatores como o forte nacionalismo polonês, o isolamento da colônia e a homogeneidade étnica, a Igreja e a religião, as escolas polonesas, entre outros contribuíram para certa demora na assimilação do português. No entanto, com o passar do tempo, foram percebendo que seria necessária uma comunicação verbal para que atividades corriqueiras se tornassem possíveis (como o comércio, a troca de mercadorias).

Adotaram o português, e apesar de alguns problemas com a dicção em função da adoção de outro idioma, conseguiram se adaptar, entretanto, em Rio Claro do Sul, nunca abandonaram o polonês, muito pelo contrário, várias iniciativas – aulas de polonês, cantos ensinados nas escolas, rituais católicos – tomadas pela comunidade têm buscado valorizar a língua polonesa evitando que esta caia no esquecimento.

Percebeu-se apenas, que no uso corriqueiro da língua algumas palavras polonesas foram sendo “aportuguesadas”, ou seja, pronuncia-se a frase metade em polonês e metade em português, notou-se também que os poloneses mais idosos por sua vez, preferem se comunicar exclusivamente em polonês.

Também a língua polonesa foi adotada por moradores que não são de origem polonesa, mas por freqüentarem a Igreja, a escola e as promoções, acabam tendo contato com o idioma e o assimilando naturalmente, chegando a cantar com fluência “*Mazurek Dabrowskiego*”, o Hino Nacional da Polônia.

Uma íntima relação com o interior, a carroça, os grãos, os animais, a religiosidade cristã, a língua polonesa as casas com tonalidades marcantes e os lambrequins, são marcas polonesas muito presentes em Rio Claro do Sul.

Essa consideração merece uma ressalva especial. Além dos poloneses de Rio Claro do Sul manter sua identidade étnica, estes acabam por conquistar a simpatia dos que vêm morar na localidade e não são de origem polonesa, construindo assim relações culturais íntimas de uma forma sutil para com os novos moradores. Essa atitude pode ser considerada relevante já que o polaco é bastante conservador, percebe-se uma abertura, já que a dinâmica cultural é inevitável, que pelo menos ela se processe de uma maneira a não descaracterizar ou desalojar os modos de vida poloneses, pelo contrário, que essa dinâmica contribua para reafirmar os hábitos culturais étnicos desta etnia em Rio Claro do Sul.

Finalmente, notou-se na localidade, que as características peculiares que conferem ao polonês sua identidade, nunca foram abandonadas, foram sim se adaptando à dinâmica cultural, ou seja, se modernizando, mas sempre referenciando suas características próprias, seja visualmente através da paisagem, seja socialmente através da língua, seja no imaginário através da religião.

No entanto, o mundo dia-a-dia diminui de tamanho pelas comunicações e pela convivência dos descendentes de colono que buscam outras atividades em centros urbanos e trazem, de retorno, em visitas periódicas, outras normas e amostras dos comportamentos vigentes num meio de enorme mobilidade social, contribuindo para o descaracterizar da identidade local, trazendo uma importante preocupação sobre o polonês:

Um dia ele desaparecerá, como tipo característico, como tipo regional, engolido pela sociedade tecnicista, absorvido pela crescente unidade cultural de uma grande Nação, que, entretanto, não extinguirá o pluralismo brasileiro. E no pluralismo brasileiro o Paraná há de sempre valorizar a contribuição cultural do polonês (NETTO, 1971, s.p.).

Porém, percebeu-se o contrário em Rio Claro do Sul. Os descendentes de imigrantes poloneses iniciaram, timidamente, uma busca por resgatar seus valores culturais e por perpetuar a língua de seus antepassados. Este grupo étnico está residindo na localidade desde 1890, mas só recentemente, está divulgando e resgatando sua cultura étnica através da gastronomia, das festas típicas, e dos ritos na Igreja, os quais vem sendo professados na língua materna, o polonês.

Na localidade de Rio Claro do Sul, alguns jovens buscam outras oportunidades em lugares maiores, ao passo que outros, já se casaram, estão empregados – seja na agricultura, seja na madeireira – e pretendem aí passar o resto de sua vida. Os mais idosos, na sua grande maioria, não pensam em abandonar o lugar, criaram para com ele um laço afetivo tão grande que não conseguem imaginar sua vida em uma outra localidade. Estes ainda reverenciam histórias dos “heróis” passados que vieram da Polônia e muito têm a contribuir para os estudos da história oral de Rio Claro do Sul.

Para a grande maioria, mais especificamente para os descendentes de poloneses, o distrito passou a ser visto como um pedaço da Polônia. Um lugar, onde todas as lembranças podem ser reverenciadas com qualquer membro da sociedade, pois todos sabem da “Saga dos Polacos”.

O imaginário é alimentado pelo simbolismo, o rio de águas claras que deu o nome à localidade, o cemitério onde muitos dos antepassados encontram-se enterrados, a majestosa Czenstochowa no lugar mais alto do povoado, a língua conhecida e professada por grande parte da população como hábito comum, e os encontros religiosos nos quais os santos, tão importantes para o povo polonês, são exaltados, contribuem para dar ao lugar um ar tipicamente polonês.

Na paisagem, tais marcas são também perceptíveis, sobretudo nos conjuntos arquitetônicos que sobrevivem ao tempo e contribuem para manter viva a memória dos moradores, dentre estes se pode destacar o Colégio das Irmãs, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e a construção antiga pertencente ao Sr. Ervino Kovalski. Todas estas, habilmente arrematadas despertam nos poloneses um sentimento de nostalgia.

Ser polaco ou polonês parece significar morar no interior, longe da correria urbana, andar de carroça, plantar grãos, cuidar dos animais (como porcos, galinhas, vacas e cavalos), usar o arado, o *radnik*, ser cristão praticante, cantar cânticos poloneses, falar a língua polonesa, construir casas com tonalidades de cores diferentes, ornamentar as cercas imprimindo elementos decorativos e, sobretudo, manter vivo o imaginário alimentando-o pelo simbolismo material da paisagem.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDERSON, W. A.; PARKER, F. B. **Uma introdução à Sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral e revisão técnica de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. 752p.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. Cadernos de Ciências da Terra, São Paulo, n. 13, 1971.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 6 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322p.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2.ed. Coleção: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol 2. São Paulo, Editora: Paz e Terra, 2000. 530p.

CORRÊA, C. H. P. **História Oral; teoria e técnica**. Florianópolis: UFSC, 1978.

CULLEN, G. **El paisaje urbano**. Barcelona: Editora Blume, 1974.

DEINA, M. S. **Colônia Rio Claro: Esta Terra Tem História**. BRASPOL, Curitiba: Gráfica Vicentina, 1990.

ENTRIKIN, J. N. **O Humanismo Contemporâneo em Geografia**. In: Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, 1980, v.10, nº 19, p.5-30.

ESCOSTEGUY, A. C. D. **Estudos Culturais: uma introdução**. In: SILVA, T. T. da. O que é, afinal, Estudos Culturais?. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.133-166.

FERRARA, L. D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. (1991) **A. As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora da UNESP – Biblioteca Básica.

_____. (2002) **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (2005) **A Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre: Artmed. 600 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro.10.ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.

IAROCHINSKI, U. **Saga dos polacos. A Polônia e seus emigrantes no Brasil**. 20.ed. Curitiba: [s.l.], 2000. 150p.: il., ret.; 23 cm.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed., [S.l.:s.n], 2000.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes,

1997.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

_____. (2001) **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Tópicos).

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. In: Geografia, 4(7). Rio Claro: [s.n.], 1979.

SIEKLIKI, M. A.; GRENTESKI, F. **Inventário Turístico Municipal de Mallet**. Prefeitura Municipal de Mallet, 2002.

TEIXEIRA, S. K. **Imagens e linguagens do Geográfico**. Curitiba Capital Ecológica. São Paulo: FFLCH-USP. 2001 (Tese de doutorado).

TEMPSKI, E. D. **Quem é polonês**. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Curitiba, 1971. (Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa do Paraná).

TUAN, Y. F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. Tradução: Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1980.

_____. (1983) **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel.

WACHOWICZ, R. C. **O camponês polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981. 152p.

7.1 PERIÓDICOS CONSULTADOS

KAWKA, M. **A língua polonesa no Brasil: Estágio de uso e competência**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, nº1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p. 104-114.

_____. (2003) **Panorama histórico da língua e da literatura polonesa**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 5, nº2 (2003). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.37-55.

_____. (2005) **O polonês como língua estrangeira para os brasileiros**. In: Projeções: revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 7, n.1 (2005). – Curitiba: BRASPOL Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.64-81.

KERSTEN, M. S. de A. **Troncos, 'tabuinhas', tábuas, memória polonesa no Paraná**. In: PROJEÇÕES: Revista de estudos polono-brasileiros. – Ano 2, nº1 (2000). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003. v.;23 cm. Semestral ISSN 1517-3143. p.72-82.

NETTO, B. M. da R. **Poloneses no Paraná**. (Conferência). Publicado por: INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. Boletim Especial, Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa para o Paraná. Volume XIV. Curitiba, 1971.